

Pânico. Confusão. A filha não sabia se deixava o corpo da genitora, que mal sustinha na cozinha, ou se vinha para a rua pedir socorro. Apareceram então algumas pessoas amigas, vizinhas, que se encarregaram do amparo moral e das primeiras providências. Com a situação acomodada, Cleone buscou contato telefônico com o Chico, fazendo-o diretamente para a Fazenda Modêlo, a dois quilômetros daquela cidade onde o médium trabalhava.

Atendida a ligação pelo psicógrafo, embargada, a moça do lado de cá, disse-lhe numa quase exclamação:

— Ah, Chico! — e êle, do outro lado da linha:

— Cleone, você quer me dizer que a nossa mamãe Talina partiu, não é?

E para perplexidade dela, continuou dizendo:

— Na reunião de sexta-feira, quando se revezavam os oradores no comentário da noite, ao me desdobrar, registrei, por vidência, quando seu pai se aproximou e dando pancadinhas nas costas de mamãe Talina me disse: — “Chico, eu estou muito satisfeito porque dentro de uma semana a minha costelinha vem para o lado de cá!” O nosso Emmanuel e outras entidades lúcidas têm várias vezes nos reafirmado que êsse chamado choque humano ante o inesperado da desencarnação de reflexo tipicamente material, não tem nenhum sentido no plano espiritual; existe, porém, um tipo de morte temível por aqueles que já se fizeram rumo aos Altos Planos da Vida Maior. É a morte da consciência; criaturas há que se enrijecem no orgulho, se mumificam na vaidade, se cristalizam no egoísmo e se põem deitadas em sarcófagos amoadados que mais cedo ou mais tarde o tempo desfaz. E, — coisa paradoxal —, ninguém lhes chora essa espécie de morte. O que se quer comumente, e êste é o desejo das mentes concretas que vivem na aba exterior da vida, é que os seus parentes, amigos e conhecidos, embora enfermiços, e presos aos mais torturantes processos patológicos, permaneçam ao seu lado, egoisticamente retendo-os porque ainda ignoram, insensíveis, que a vida é uma contínua desmaterialização de formas, rumo a um centro conceptual que está no Infinito.

RECADO DE COLABORADOR(*)

“Meu caro irmão Leopoldo Machado:

Numa palavra: sou seu amigo e companheiro de labor, tendo trabalhado junto de você na organização de seu TEATRO ESPIRITUALISTA. Deus o proteja. Para identificar-me, direi que desencarnei na cidade de S. Vicente, em S. Paulo, no dia 24 de julho de 1907. Tive aí um destino bastante infeliz. Era escrivão do juiz de paz, e fora de minhas atividades do trabalho diário, era amador da arte dramática. Deus o proteja e abençoe. Ainda haveremos de realizar muito com Jesus e por Jesus.

VIRIATO DE MESQUITA BASTOS.”

No caso presente, não apenas o médium Chico Xavier desconhecia o comunicante, quanto o próprio Leopoldo Machado a quem o bilhete fôra dirigido.

Eis as palavras finais de Leopoldo:

“A identificação foi completa.

E vamos por aí afora, trabalhando com Jesus e por Jesus, felizmente”.

(*) Leopoldo Machado, «Graças sobre Graças», com prefácio de Carlos Imbassahy, Edição do Autor, 1952, pág. 132. Leopoldo Machado, renomado poeta e escritor, além de paladino da Seara Espírita, desencarnado em Nova Iguaçu, Est. do Rio.